

MEC

# CULTURA

Ano 12 n. 42  
jan./dez. 1984

Nova tiragem: 100.000 exemplares.  
Distribuição gratuita no País.



CAYMMI: 70 ANOS

1985: ANO NACIONAL DA CULTURA



CAPIBA: A IDADE DO FREVO



**CULTURA**

Ano 12 n. 42 jan./dez. 1984

Ministra da Educação e Cultura  
**ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ**

Secretário-Geral  
**SÉRGIO PASQUALI**

Chefe do Gabinete  
**YESIS Y AMOEDO PASSARINHO**

Secretário da Cultura  
**MARCOS VINÍCIOS VILAÇA**

Coordenador de Comunicação Social  
**ANTONIO PRAXEDES**

Editora  
Norma Marquez Eleutério

Editora-assistente  
Nara Regina Lucas Figueiredo

Editoria de texto  
Nataniel Dantas, Eli Pinheiro

Revisão  
Zuleika Santos Andrade (responsável),  
Cláudia R. de Pádua, Maria Florentina  
dos Anjos

Arte  
Programação visual: Luiza Kotaira  
Arte-final: Reginaldo Jorge da Silva,  
Carlos Alfredo dos Santos, Oresmina  
Alves Vila-Nova, Rebeca N. Costa,  
Wesley Bezerra de Carvalho

Fotografia  
Carlos Terrana (editor), Luiz Carlos  
Coelho, Wanderlei da Silva Pessoa  
(laboratório), Marcellus David M.  
Rego (arquivo fotográfico)

Composição  
José Luiz da Silva Vieira, Luís Augusto  
dos Santos

Divulgação institucional  
Eli Pinheiro, Luiza Kotaira

**CULTURA** é uma publicação  
da Coordenadoria de Comunicação  
Social do Ministério da Educação e  
Cultura – Divisão de Editoração  
DCDP/DPF nº 2.325 – P. 209/73

Redação, Administração,  
Correspondência  
Ministério da Educação e Cultura,  
Esplanada dos Ministérios, Bl. L.  
sala 910  
CEP 70047, Brasília-DF  
Tel.: 223-2209

Tiragem: 100.000 exemplares  
Distribuição gratuita

Impressão: Escopo Editora

Distribuição para todo o Brasil  
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.,  
Rua Teodoro da Silva, 907,  
Rio de Janeiro-RJ

As opiniões e conceitos emitidos nos  
artigos assinados não são,  
necessariamente, os da revista ou os do  
Ministério da Educação e Cultura.

Os artigos e reportagens poderão ser  
reproduzidos desde que citada a fonte.

**AO LEITOR**

**O** MEC inaugurou, neste ano, numa iniciativa pioneira, o Subsistema de Comunicação Social. Para que se tenha idéia do significado desse empreendimento, seria suficiente mencionar que seu objetivo básico é o da integração das atividades que nessa área desenvolvem todos os setores do Ministério: órgãos da administração direta e entidades vinculadas, entre estas as instituições de ensino médio e superior, e as vinculadas à cultura, num total de 237 órgãos.

Ao longo de todo esse período, paralelamente a encontros, em várias regiões do País, com dirigentes e representantes desses órgãos e entidades e da comunidade educacional, a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) redefinia a sua estratégia de atuação repensando e, concomitantemente, reprogramando a utilização dos seus recursos.

Se por um lado o programa editorial da CCS/MEC sofreu solução de continuidade, por outro, os resultados se mostram agora plenamente justificados. A partir deste número, as nossas revistas terão duplicada a sua tiragem, agora com 100 mil exemplares.

Desta forma, este número da revista assinala mais uma etapa no aperfeiçoamento das publicações sob a nossa responsabilidade.

Esperamos em 1985, declarado por decreto, Ano Nacional da Cultura, uma participação progressiva de todos aqueles que desenvolvem no País ações para a preservação e para a produção de bens culturais.



**Caymmi: uma festa brasileira, p. 2**



**Patrimônio: a história na moda, p. 13**



**CNDA: o direito autoral do índio, p. 36**



**Museu da República: casa de cultura, p. 53**

**SUMÁRIO**

ARTE	A contribuição espanhola ao barroco brasileiro	49
ARTESANATO	Artesanato e identidade cultural	18
	O artesanato batik numa abordagem semântica e etnográfica	61
CARTAS		59
CINEMA	A boa vida, de filme a caso judicial	58
DIREITO AUTORAL	O índio brasileiro e o direito autoral	36
ENTREVISTA	A arte de lidar com antiguidade	5
FOTOGRAFIA	Uma visão artística da Madeira-Mamoré	11
	A fotografia ganha seu instituto	22
GENTE	Dorival Caymmi e outras motivações	2
LAZER CULTURAL	Um álbum de Ouro Preto	9
MUSEU	Uma viagem pelo Brasil	16
	Repensando o Museu da República	53
PANORAMA CULTURAL		31
PATRIMÔNIO	Patrimônio cultural, um grande achado	13
	Agências bancárias em prédios históricos	47
REPORTAGEM	Senhores do tempo	27

Capa: Dorival Caymmi (ilustração de Luiza Kotaira a partir de foto de T. Aramac/Câmara Três, Capiba (ilustração: Cássio Loredano).



# Dorival Caymmi e outras motivações

Nataniel Dantas

**Dorival Caymmi fez setenta anos, e as comemorações transformaram o Brasil numa imensa Bahia, vale dizer, numa imensa festa. Rompendo as fronteiras do terreno musical, a sua obra espalhou a personalidade do compositor de ponta a ponta do País. O aniversário de Caymmi foi uma festa da cultura brasileira.**



**E**m Salvador, houve missa e os terreiros se engalanaram. A imprensa de todo o País cedeu espaço a entrevistas, artigos; Carlos Drummond de Andrade saudou-o numa crônica, dizendo que havia passado com ele todo um domingo, ouvindo-o quase em efígie, mas na vitrola. Todos festejaram os *setentanos* de Dorival Caymmi. O Brasil comemorou sem contestação. É de imaginar as festas baianas, informais ou não, com violões, cantos, afoxés, umbigadas, acrescentando-lhe o infundável calendário festeiro. Salvador tem não sei quantos carnavais oficiais, sem contar com os menores, os bissextos.

Caymmi foi o primeiro a desvendar um pouco do sortilégio da baianidade, que anda em sua música, nos versos que escreve e ainda em sua pintura. E, a propósito, magia ou sortilégio, ninguém soube definir como ele as malemolências baianas, que tresandam no afrodisíaco odor das comidas e da peculiaridade de sua gente. "O que é que a baiana tem?"... Baianos e baianas tresandam a coisa, que é visual, sentida, tátil por todos os sentidos, até mesmo os mais oclusos, embora sem definição. Falta uma palavra em português,

**Rosas, rosas, rosas nos setenta anos do compositor baiano.**

nagô ou qualquer língua africana para definir.

O Ari Barroso, mineiro de Uberaba, passou a vida num namoro firme com a Bahia. Exaltou-a o quanto pôde, em verso e música; foi, porém, uma espécie de São João para o aparecimento de Caymmi... Faltou-lhe, no entanto, o tempero, o sal genuíno. Porque o sal é intraduzível. Eu diria que o grande mineiro carioca, isto sim, a definiu com o amor do Rio pela irmã mais velha. Uma vez que em tudo do carioca tem algo baiano como português. Nos tempos del Rey, nas procições dos ourives já era tradição as baia-

nas dançando e sapateando, apesar dos santos, dos cônegos e das beatas, como se vê hoje nas escolas de samba. Nos dias do Regente Feijó e do truculento Vidigal, a polícia não fez outra coisa senão perseguir ou *grampear* capoeiras, que à coreografia e aos berimbaus e cânticos juntaram navalhadas e facadas. "Alto lá, minha gente!" virou coisa proibida. Hoje, todavia, ressurgem como folclore e vai tomando o lugar do caratê, do judô. É uma luta bonita com uma coreografia de fazer inveja à inventiva de um Béjard.

Os tempos passaram e, com a República, a baianagem recrudesciu de outro

Nataniel Dantas, escritor, é redator da Divisão de Editoração da Coordenadoria de Comunicação Social do MEC.





modo: pelo brilho da inteligência, pela palavra fogosa e barroca de seus mulatos ilustres. Cunhou-se, no Rio, o ditado que diz que “baiano burro nasce morto”.

A soldadesca que voltou de Canudos não deixou por menos. Desarranchada, foi morar num morro ao pé da Cidade Nova e do Saco do Alferes. Ali ergueram, como puderam, as suas casas, depois a capelinha branca, e logo batizaram — favela. Lembravam os faveleiros das caatingas de Canudos e um monte que conquistaram a ferro e fogo aos jagunços, que o diga, do túmulo, o Moreira César, e de onde se descortinava toda a cidadela rebelde do Conselheiro. O morro carioca, durante muito tempo, foi reduto dos malandros históricos, das rodas de samba e do lirismo não só paisagístico como dos revistógrafos da Praça Tiradentes, que punham sempre em suas peças uma cena alusiva. Henrique Pongetti com Marcos André escreveram *Champagne e Parati*, estrelada por Araci Cortes, que, a uma certa altura, cantava e sapateava um samba do baiano Assis Valente, samba bilíngüe, por sinal — *Tem francesa no morro*. Henrique Pongetti seria ainda autor de um argumento que Carmen Santos empresou e interpretou, *Favela de meus amores*, com sambas imortais e até um hino à favela que o Brasil inteiro cantou — *Favela*. Como se vê, a palavra favela ainda não se tornara substantivo comum, tendo como sinônimos *invasão*, *mocambo*, *alagados*, lugares miseráveis e que cercam as grandes cidades. Duas coisas influíram, no entanto, para a transformação: o DIP e a indústria imobiliária. O primeiro pediu aos compositores que falassem em suas músicas de trabalho e trabalhadores e não exaltassem a malandragem, e a segunda fez dos morros da Zona Sul seus canteiros de obras, e, neles, foram morar os nordestinos, os operários vindos de Minas e do Espírito Santo. As chamadas favelas cresceram e, na maioria, já foram removidas. Quem olha o morro da Favela de hoje tem um aperto, uma nostalgia, com a sua ermida branca, suas casas, na maioria de alvenaria e com um ar pacato e aburguesado — quem diria!

Sinhô, Assis Valente e outros baianos ilustres vieram depois com sua ginga. O clássico Sinhô encontrou em Mário Reis seu intérprete perfeito; num tempo de vozeirões, o moço *bem* da Tijuca chegava macio, pachola, com aquele dengue carioca, mas sem abusar dos *xis*... Um dia, o Sinhô anunciou até um boicote baiano contra os cariocas, pondo na boca do



povo um maxixe que dizia, mais ou menos: ... "a Bahia não dá mais coco para o mingau do carioca"...

Durante anos, o Rio foi escritório de promoção da Bahia. Era Bahia "pra qui", Bahia pra lá! Bahia teria até que ser escrita com *h* e Rui com *y*. Tia Ciata, no passado, pontificou com sua roda de músicos e de mandingas nas imediações da Praça XI, ali nas várzeas da Favela, que logo se tornou reduto de fumaças e de samba; afinal, uma Salvador de exílio, regada pelo chafariz do mulato e Mestre Valentim. João da Baiana, Pixinguinha, Donga, são egressos do bairro, que não fica longe do Estácio e das ruas do pecado, retratadas por Di Cavalcanti e descritas por poetas e escritores como Stefan Zweig. Aníbal Machado escreveu o seu antológico *A morte da porta-estandarte* ali, na Praça XI, num dia de carnaval.

Mas nos perguntará alguém: "Onde entram os setenta anos de Caymmi?". Respondo, nos meandros da memória involuntária, uma coisa puxa a outra... Ele trouxe um toque de violão diferente, um canto e um temário desconhecido, tudo cantado por aquela voz bonita e grave que Deus lhe deu, tudo tão Salvador e fraterno ou mesmo malungo dos personagens de Jorge Amado. Caymmi muitas vezes é acusado de preguiçoso, mas é uma dolência louvável e compreensível em tantos artistas. Não sei, por exemplo, em quantos meses ou anos, Miguel Ângelo concebeu e materializou o seu Moisés... Só sei que o resultado da preguiça do baiano deve ser confundido com o perfeccionismo, o sem-prensa, pois tudo que compôs é clássico, nasce clássico. Não existe música que puxe outra e que, durante todos esses anos, se tenha esquecido. Vez por outra são regravadas e recantadas com o mesmo sabor, com as descobertas naturais que aos ouvidos vão chegando sem fastio. As músicas populares têm, geralmente, a duração efêmera de uma rosa, comparadas com as chamadas clássicas, o que não acontece com o nosso Dorival. Ele tem sido de várias gerações. A sua voz não cansa, como o seu jeito de interpretar. O seu violão é e será sempre *hors-concours*. Louvou e louva a gente simples, os pescadores, o mar e pôs no vento um significado novo, e não esqueceu a doçura da morte marinha, um mar especial e encantado como o era o do pintor Pancetti. Caymmi pode ter influenciado muita gente; porém, achamos impossível repetir-lhe o dengue, a novidade — é singular. Salve Dom Dorival Caymmi. Saravá!

# O Cehibra e a memória do homem do Nordeste.

O Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade (Cehibra) da Fundação Joaquim Nabuco vem desenvolvendo um trabalho de preservação de nossa memória histórica, abrangendo as mais diversas áreas do conhecimento humano.

O Cehibra, que funciona na antiga Vila Anunciada, casa em que viveu Delmiro Gouveia, em Apipucos, já colheu mais de 70 depósitos com personalidades representativas das regiões Norte e Nordeste, muitos dos quais já disponíveis para consultas.

Na sua Fonoteca se encontram 6 mil partituras, além de discos antigos, que foram doados à Fundação.

Ainda no Cehibra estão classificados os arquivos históricos com a documentação manuscrita e impressa, correspondência ativa e passiva, além de documentos oficiais de grande valor histórico.

Cehibra

Vila Anunciada, Rua Dois Irmãos, 29, Recife—PE

Carlos Terrana

